



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI  
CAMPUS DOM BOSCO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E CULTURA  
CURSO LETRAS-PORTUGUÊS

STEFÂNIA MOREIRA DE PAULA

***FRAMES: UM OLHAR SOBRE OS DISCURSOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A  
MULHER EM COMENTÁRIOS NAS REDES SOCIAIS***

SÃO JOÃO DEL REI

2022

**STEFÂNIA MOREIRA DE PAULA**

***FRAMES: UM OLHAR SOBRE OS DISCURSOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A  
MULHER EM COMENTÁRIOS NAS REDES SOCIAIS***

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Letras-Português do Campus Dom Bosco da Universidade Federal de São João del Rei como requisito para a obtenção do Título de Licenciatura em Letras-Português.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Luiz Assunção

**SÃO JOÃO DEL REI**

**2022**

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo investigar, pela base teórica da Linguística Cognitiva (LC), mais especificamente a teoria da Semântica de *Frames* (SF) presentes em comentários retirados da internet que se referem às reportagens jornalísticas e postagens informativas sobre atos de violência contra a mulher. Devido a um contexto social em que ainda é presente o machismo no século XXI, tornou-se relevante abordar como as experiências humanas trazidas de um contexto histórico, cultural e ideológico de superioridade masculina são organizadas na memória, de tal forma que possibilitam a interpretação da realidade do ambiente cultural manifestado pela linguagem. Desse modo, pela metodologia descritivo/interpretativo e com base nas postulações acerca do processo cognitivo dos *frames* formuladas por Fillmore (1982) e Fillmore e Baker (2009), procurou-se identificar os esquemas mentais em proposições feitas na internet para compreender e até mesmo perceber o porquê ainda persiste, no século XXI, uma relação de poder do homem em detrimento da mulher. O *corpus* analisado foi retirado de redes sociais, mais especificamente o *Instagram*, em que constatamos enunciados desencadeadores de *frames*. Vale destacar que se trata de abordagens de discursos midiáticos. Em consequência disso, tentamos entrelaçar a base teórica, SF, e os discursos midiáticos, visto que a análise parte da linguagem em uso articulada com o ambiente cultural onde os processamentos cognitivos são realizados. Como resultado, observamos que a sociedade brasileira ainda experencia uma estigmatização forte de discriminação da mulher verbalizada nas proposições através da linguagem em que conseguimos identificar como a história, cultura e ideologia machista permanecem inconsciente e conscientemente no ideário coletivo.

**PALAVRAS CHAVE:** Linguística Cognitiva. *Frames*. Mulheres.

## ABSTRACT

The present work aimed to investigate, through the theoretical basis of Cognitive Linguistics (LC), more specifically the *theory of Semantics of Frames* (SF) present in comments taken from the Internet that refer to journalistic reports and informative posts on acts of violence against women. Due to a social context in which machismo is still present in the 21st century, it has become relevant to address how human experiences brought from a historical, cultural and ideological context of male superiority are organized in memory, in such a way that they enable the interpretation of the reality of the cultural environment manifested by language. Thus, by descriptive/interpretative methodology and based on the postulates about the cognitive *process of the frames* formulated by Fillmore (1982) and Fillmore and Baker (2009), we sought to identify the mental schemes in propositions made on the Internet to understand and even understand why, in the 21st century, a relationship of man's power to the detriment of women still persists. The *corpus* analyzed was taken from social networks, more specifically *Instagram*, in which we found triggering statements of *frames*. It is worth mentioning that these are approaches to media discourses. As a result, we try to intertwine the theoretical basis, SF, and media discourses, since the analysis is part of the language in use articulated with the cultural environment where cognitive processing is performed. As a result, we observed that Brazilian society still exhibits a strong stigmatization of discrimination against women verbalized in propositions through language in which we can identify how sexist history, culture and ideology remain unconsciously and consciously in the collective ideology.

**KEYWORDS:** Cognitive Linguistics. *Frames*. Women.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
1.1 <b>Linguística Cognitiva e Semântica Cognitiva</b> .....	8
1.2 <i>Frames</i> .....	11
1.3 <b>O discurso digital e o cognitivismo</b> .....	16
<b>2. METODOLOGIA</b> .....	18
<b>3. INVESTIGANDO OS <i>FRAMES</i> EM COMENTÁRIOS NAS REDES SOCIAIS</b> .....	19
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	31
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	32

## INTRODUÇÃO

Tomando como base teórica a Linguística Cognitiva (LC), mais especificamente, a teoria dos *frames*, este trabalho examina os discursos acerca da violência contra a mulher. A semântica dos *frames* tem como a perspectiva metodológica a ideia de que há padrões de práticas que estão na base da produção e construção do sentido e, portanto, esses padrões atuam no processo de percepção e organização da realidade dos sujeitos e dão sentido a suas experiências (FILLMORE, 2009, p. 314). Para Lakoff (2008), os *frames* funcionam como organizadores da experiência humana e, portanto, possibilitam a compreensão, a descrição e a explicação dos significados, sejam eles gramaticais ou lexicais, na sua relação com a experiência dos indivíduos no meio social em que vivem.

Sob a perspectiva da semântica de *frame*, buscamos identificar esses padrões que organizam a percepção de mundo que os indivíduos possuem do mundo e depreender o modo como esses *frames* são acionados. Conseqüentemente, a partir desses *frames* pode-se pensar o papel dos elementos históricos, culturais e ideológicos, subjacentes a esses padrões, na produção de sentido desses comentários. Essa busca a partir da leitura dos *frames* identificados deriva da compreensão de que, através de vários trabalhos, se sabe que é inegável que as práticas de violência contra as mulheres advêm de posturas machista e sexistas. Essas posturas tem na sua base os discursos machistas que possibilitam não só a produção de sentido capaz de sustentar as práticas de violência. Como se sabe os discursos de dominação (homem em relação à mulher) exercem papel determinante na agressão, consciente ou inconscientemente contra o gênero feminino, revelando uma postura ligada às práticas históricas, culturais e ideológicas brasileiras.

Diante do exposto, o objetivo geral dessa pesquisa é identificar os *frames* na base dos discursos produzidos em comentários nas redes sociais diante de publicações referentes às práticas de violência contra as mulheres. Pretendemos, assim, investigar os padrões e esquemas armazenados na memória, buscando compreender os sentidos produzidos a partir desses enunciados, bem como os aspectos da cultura brasileira envolvidos nesses esquemas e padrões do pensamento. De forma mais específica, portanto, neste trabalho buscou-se investigar o “pacote de conhecimento” (FILLMORE e BAKER, 2009, p. 314), a partir dos enunciados coletados, responsáveis pelo sentido produzido acerca da violência contra a mulher.

Dessa forma, visando abordar a problemática dos discursos de violência contra a mulher é relevante discutir como essas ações violentas se instauram na sociedade brasileira contemporânea. Neste sentido, parece-nos interessante uma abordagem que tome como base de

análise os *frames*, na medida em que, como temos observado, os *frames* têm um papel importante na nossa percepção de mundo no qual vivemos. Isso implica que o modo como agimos no mundo, nossos planejamentos, nossas decisões derivam do modo como nós apreendemos nossa realidade. Parece-nos, reforçando, importante levar em consideração os processos de pensamentos contidos na utilização de estruturas linguísticas e sua adequação em seus contextos de uso reais. Observar as construções linguísticas dos discursos contra as mulheres no âmbito social e cultural que permeiam a internet, portanto, assumem uma grande importância, tendo em vista que o funcionamento da mente humana não resulta de ato autônomo e independente, pressupõe inserção aos processos cognitivos que são corporificados e estão envolvidos em um ambiente cultural. Sob estes termos, compreende-se que as percepções envolvidas nos discursos sobre a violência contra a mulher refletem o modo de pensar e de agir de uma sociedade ainda machista, capaz de armazenar na memória registros de informações, mas também de fazer conexões, e de acessar e organizar dados de significação na cognição humana (MARTELOTA e PALOMANES, 2008, p. 179) sobre a violência contra mulheres.

A metodologia utilizada partiu de uma revisão bibliográfica e de coleta de dados dos discursos proferidos por sujeitos que verbalizam atos de violência contra o gênero feminino. A partir dessa coleta dos enunciados, constituímos nosso *corpus* de análise por compreender que esses comentários explicitam o modo como esses falantes pensam a violência contra a mulher. Com o *corpus* de análise constituído, examinamos as estruturas linguísticas objetivando levantar os *frames* e, assim, determinar os saberes que sustentam o modo como esses indivíduos, responsáveis pelos enunciados coletados, organizam a realidade que comentam nas redes sociais. A partir dessa coleta será a base inicial da investigação, pois tais comentários, *frames*, irão determinar os saberes de um indivíduo e organizar o modo de pensar o mundo ou situação no mundo- por que ainda as mulheres são submetidas a esses enunciados no século XXI? - resultado de uma cultura proveniente de uma sociedade patriarcal, legado histórico, ao qual ainda reverberam pensamentos preconceituosos. A partir desses *frames*, conceber a relação homem e mulher em uma sociedade atravessada por estigmas históricos, sociais, culturais e ideológicos em que não respeitam o espaço da mulher.

Foram analisados comentários retirados das redes sociais, particularmente do *Instagram*, de reportagens e/ou postagens referentes a agressões contra a gênero feminino, sejam morais ou físicas. Não se pode deixar de considerar que os meios de comunicação reproduzem e repercutem discursos de agressão contra a mulher. Observa-se, assim, tanto as pessoas, como leitoras, e organizações, como divulgadoras, se conectam, de modo que buscam e compartilham

conteúdo. Tal perspectiva se enquadra no recorte de pesquisa, visto que os consumidores de conteúdo midiático se sentem livres para comentarem e produzirem o que quiserem nas redes sociais, até mesmo discursos de violência e, entre eles, discursos contra mulheres.

## **1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Nesta seção, serão abordadas todas as bases metodológicas da pesquisa, fazendo uma revisão da literatura, descrevendo-se os procedimentos necessários e úteis para fornecer subsídios de análise na investigação dos *frames* nos discursos de violência contra a mulher na internet.

### **1.1 Linguística Cognitiva e Semântica Cognitiva**

A Linguística Cognitiva (LC) foi o berço para se pensar a construção do significado através da linguagem, acionando a memória para recorrer aos conhecimentos estabelecidos dentro de um ambiente cultural. Diante disso, a LC nasce através do contraponto da linguagem autônoma estudada pelo viés do estruturalismo e gerativismo, adotando uma perspectiva não modular, surge como um novo modelo teórico ancorado numa compreensão de que a linguagem e o conhecimento se constituem a partir da experiência humana. Entende-se, assim, que aquilo que tomamos como realidade diz respeito aos significados produzidos que permitem aos indivíduos uma compreensão e um modo de apreensão do mundo. Nesse sentido, para Lakoff e Johnson (1980), a cognição e, conseqüentemente, a linguagem são determinadas pela experiência corporal, um modo de afirmar o “corpo na mente” (JOHNSON, p. 1987), ou seja, é a “ciência da mente e do cérebro” (LAKOFF; JOHNSON, p. 568). Na perspectiva da concepção cognitivista, a percepção do mundo ocorre a partir da apreensão de dados de experiência no mundo de forma que possamos armazenar na memória e posteriormente organizar, acessar e conectar informações para interagir na sociedade. Além disso, tais ações ocorrem com os indivíduos inseridos em um ambiente cultural. (MARTELOTA; PALOMANES, 2008, p. 179)

Dessa forma, ainda salienta Almeida e Santos (2018), a LC é um

“Deslocamento contínuo em direção ao significado, às funções comunicativas e aos fatores cognitivos e socioculturais envolvidos no funcionamento da linguagem” (ALMEIDA; SANTOS, p. 12, 2018).

Nessa perspectiva, se a LC envolve a linguagem baseada no uso em busca do significado ancorado pelo contexto, é a partir de um conhecimento geral, compartilhado por indivíduos de uma mesma comunidade de fala de determinada cultura, que essas significações são



organizadas e estruturadas na mente. No entanto, ressalta-se, as palavras não possuem um significado idêntico, uma vez que tais disparidades de significações estão apoiadas a uma experiencição do corpo, ou seja, cada indivíduo tem um conhecimento de mundo diferente. A cultura também cumpre um papel diferencial como grande fomentadora dessas diferenciações entre os significados das palavras, uma vez que os processamentos cognitivos podem diferir de ambiente para ambiente.

Em razão disso, fica evidente que a LC parte da premissa, refutando as correntes estruturalistas e o racionalismo dos gerativistas, de uma perspectiva empirista, ou seja, a mente não pode ser separada do corpo, visto que o procedimento cognitivo pode ter como base as organizações esquemáticas que estão concebidas através do sistema corporal.

No livro *The Body in the Mind*, Mark Johnson (1987) observa que o corpo é a nossa delimitação das experiências, bem como a estruturação da nossa mente. Dessa forma, o corpo funciona como um CONTÊINER, um conceito imagético que atua na interação com o mundo, pois é somente através dos movimentos sensório-perceptuais que adquirimos conhecimentos e experiências, ou seja, esses conceitos são a nossa união não representacional com o mundo, pois “possuímos mecanismos neuronais de extensão metafórica dos esquemas que estão relacionados a como nós executamos nossa abstração e raciocínio” (AVELAR, p. 40, 2015).

Através da metáfora do contêiner, é possível associar a figura de um “cavalo” que tenha a cor “roxa”, mamífero impossível para a realidade humana. No entanto, pode-se dissociar a espécie, a qual é factível à experiência de mundo, da cor roxa, tom que o sistema visual humano é capaz de assimilar através de fotorreceptores, diferentes de outros animais, por exemplo, possibilitando, pela mente, criar a figura do “cavalo que tenha roxo”. É a partir dessa constatação, que o corpo - no esquema imagético da metáfora do contêiner, por exemplo - proposto por Johnson (1987), afirma que a mente é indissociável ao sistema corporal.

Avelar (2015) salienta ainda que:

“para haver [construção de] sentido humano, você precisa de um cérebro humano, operando em um corpo humano vivo, sempre interagindo com um ambiente humano que é ao mesmo tempo físico, social e cultural”<sup>1</sup> (JOHNSON, 2007, p. 155, *apud* AVELAR, p. 41, 2015).

Desse modo, através dos nossos receptores sensório-perceptuais apreendemos e construímos nossas experiências do ambiente que nos circunda, o que contribui de maneira a

---

<sup>1</sup> JOHNSON, Mark. **The Body in the Mind**. The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason, Chicago, The University of Chicago Press, 1987-2007

enxergar o mundo, uma vez que o saber acerca do ambiente ao nosso redor internalizado, serve como modelo para compreender o mundo além dos limites de nossa experiência, ainda que produzido sob modos e condutas culturais específicas, segundo o ambiente restrito em que vivemos.

Neste mesmo viés, a Semântica Cognitiva, estruturada nas décadas de 70 e 80 como reação aos estudos estruturalistas, configura um deslocamento contínuo em relação ao significado que, agora, visto como resultante das interações no mundo. O sentido dado a uma determinada palavra dentro de um contexto, pode variar de acordo com os processos comunicativos no cotidiano. Tomemos como exemplo, segundo Felts (2018), a palavra “olho” em que determinamos como uma estrutura do corpo humano em que capturamos imagens e mandamos para o cérebro a fim de enxergar, observar e visualizar o ambiente em que estamos. No entanto, se considerássemos a palavra em outras estruturas comunicacionais, ela não teria a mesma significação apontada acima, pois tomaria outras posições significativas, cujo campo semântico traria outros significados possíveis pela experiência produzida pelo corpo dentro de um ambiente cultural. Observemos as estruturas, de acordo com Felts (2018):

- (A) Maria faz de olho fechado o trabalho;
- (B) Maria não se dá conta do que está acontecendo. Ela está de olhos fechados.
- (C) Maria está dormindo. Ela está de olhos fechados.

Em (A), percebemos que a palavra “olho” assume um significado de “confiança” / “sem dúvidas” de que consegue realizar a tarefa. Na oração (B), podemos entender que a palavra carrega uma significação de que “não percebe a realidade” a sua volta e, por fim, em (C), interpretamos que as “pálpebras estão recobrando o olho” na ação de dormir.

Desse modo, o corpo nos auxilia na construção contínua de significados e informações que somente podem fazer sentido no processo comunicativo por pertencermos a um ambiente cultural, social, histórico e ideológico, mas são as nossas experiências no mundo em que estamos inseridos que nos “fornecem as bases de nossos sistemas conceituais.” (MARTELOTTA e PALOMANES, p. 175, 2018). Sob essa perspectiva, como observam os autores, compreende-se que a linguagem é parte integrante da cognição, tendo em vista que os conceitos resultam das percepções do mundo. Assim, deve-se compreender que a compreensão do sentido deve levar em conta o contexto de uso real da língua. Santos (2015) salienta ainda que

“Por isso, uma análise semântica conceptualista, de base experiencial, não pode estar dissociada do uso, que, por sua vez, reflete os mecanismos de abstração provenientes de esquemas imagético-cinestésicos, a exemplo da metáfora e da metonímia, e da categorização, que são responsáveis pela formulação dos conceitos” (SANTOS, p. 24, 2015).

Por fim, como postulado por Langacker, a noção de conceptualização consiste na inserção e no envolvimento no mundo, atrelado à experiência perceptual, como atividades motores e sensorio-perceptuais. Portanto, a Linguística e Semântica Cognitiva coadunam em pontos comuns de análises em que ambas vão se atentar para a linguagem em uso, partindo da intenção comunicativa produzida pela interação do sujeito dentro de um ambiente cultural, destacando, ainda, que as interpretações e percepções no mundo são de caráter subjetivo.

## 1.2 *Frames*

Fillmore e Baker (2009) definem *frames* como estruturas de conhecimentos organizados em pacotes, seja de crença, cultura e padrões de práticas acessados pelos seres humanos para produzir e dar sentido ao mundo onde vivem. Nesse sentido, a construção dos significados ocorre por meio de interpretações perceptuais da situação comunicativa, em que os sujeitos estão envolvidos, a partir do processamento cognitivo que possibilita o acionamento de *frames*. Segundo Lakoff (2008), as ações mais básicas no mundo podem moldar os conceitos, as ideias e a forma de raciocínio, como também a percepção dos significados que são decodificados inconscientemente. Para Lakoff, portanto, os *frames* são esquemas mentais os quais permitem aos seres humanos compreender a realidade em que vivem.

Em razão disso, as experiências sensorio-perceptuais são de grande importância para a estruturação dos conceitos, responsáveis pela significação e interpretação do mundo, assim como do ambiente cultural no qual o indivíduo está inserido. A partir dessa estruturação dos conceitos, os falantes padronizam as interações por acessar, perceber, organizar e formar os significados a partir dessas experiências. Nesse sentido, cada significado ou intenção de uma determinada palavra,

“[...] requer um acesso às estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades associados a cenas da experiência humana, considerando-se as bases físicas e culturais dessa experiência” (FERRARI, p. 50, 2022).

Os *frames*, portanto, subordinam o significado das palavras a partir do mundo no qual os indivíduos estão inseridos. Nesses termos, as ações e cenas do cotidiano, enquanto expressão da experiência das pessoas no mundo, assumem uma importância na construção do comportamento dos membros de um determinado grupo, compreendendo que essas experiências ocorrem e são trocadas durante as interações entre os indivíduos. Nesses contextos

sociais comunicativos, que passam despercebidos nas atuações diárias, ao se tornarem automáticos e inconscientes, validam, significam e padronizam comportamentos sociais como experiências vividas em um determinado ambiente cultural.

Tendo em vista as definições, as instituições sociais são um grande exemplo de ambientes culturais que acionam *frames* que organizam os pensamentos e as condutas cotidianas, pois as palavras que acionam *frames* vão acionar a memória acerca das ações e das cenas diárias e, portanto, das instituições nas quais essas ações e cenas ocorrem. Nesse sentido, quando evocamos a palavra “aluno” nos traz a lembrança da “escola”, pois a partir das experiências do uso real do primeiro léxico, interpretamos a realidade a qual ela está associada ao segundo léxico. O “aluno” estuda na “escola”. No entanto, não serão todos os traços acionados, serão traços de alunos adequados à situação de fala. Suponhamos que seja um pai falando ao filho “Não se comporte como um aluno”, ele pode estar querendo dizer que o filho não cumpre com as responsabilidades de um aluno no trato com os deveres e coisas da vida, reconhecendo-o que o filho é um mau aluno.

Há também uma divisão hierárquica no ambiente cultural, assim como Lakoff (2008) ressalta, de cada função, tomando como exemplo a “escola”, onde diretor é a autoridade máxima. A expressão "sala do diretor(a)" acionará um *frame* da própria figura do diretor, bem como a autoridade do diretor(a) que gerará significações do tipo "serei punido" ao aluno que recebeu esse comando que decodificará inconscientemente a mensagem.

Assim, como reforça Lakoff (2008), a linguagem somente faz sentido dentro do real, o que está na memória não são as instituições, mas a lembrança das práticas que ocorrem nessas instituições, a coerência e a padronização fazem com que elas possam ser significadas, implicando na linguagem que constituem esse pacote de conhecimento, segundo Fillmore e Baker (2009).

Dessa forma, para acessar, perceber e organizar estas estruturas mentais refletidas em padrões naturais de ações, recorre-se, segundo Koch e Cunha-Lima (2011) aos conhecimentos procedurais, “ligados a capacidades perceptuais, motoras e a predisposição para agir [...]” (KOCH e CUNHA-LIMA, p. 292, 2011) e aos conhecimentos enciclopédicos abrangendo “conhecimentos de caráter geral, supostamente compartilhados pelos membros de uma determinada cultura [...]” (KOCH e CUNHA-LIMA, p. 293, 2011). Tais saberes são ativados através das interações sociais, podendo ser, de acordo com as autoras, modificados ao longo dos processos interacionais, mas também representados na memória de longo prazo (Koch e

Cunha-Lima, 2011), bem como exemplificado acima em “sala do diretor(a)” que produz a significação da autoridade do(a) próprio(a) diretor(a).

Nesse sentido, Fillmore e Baker (2009) reforçam que o acionamento de *frames* é um ato cognitivo, a partir do qual as informações são recebidas e é preciso decodificá-las de forma que faça sentido. Sob esse viés, os autores referem ao processamento consciente ou inconscientemente de informações, a uma cultura particular, às suas instituições e valores “em virtude de fazer parte da comunidade de fala específica que apoia e é apoiada pela cultura” (FILLMORE e BAKER, p. 314, 2009).

Nesses termos, vale destacar que os *frames* podem ser acionados por meio de itens lexicais, tais como substantivos, verbos, preposições, advérbios e adjetivos de forma que evoquem uma situação EVENTO emergidos do dia a dia, *frames* conceptuais básicos. Fillmore (1982) exemplifica a expressão *fim de semana*. Para compreender a expressão nominal, é preciso acionar *frame* de *calendário cíclico*. De acordo com esse calendário, como observa Ferrari (2022), na maioria das culturas, as semanas são constituídas por sete dias, dentro dos quais dois dias- sétimo (sábado) e o primeiro dia (domingo) são dias de descanso, do segundo ao quinto dia correspondem à jornada de trabalho. Tendo isso em vista, vale destacar, de acordo com Lakoff (2008), que *frames* são acionados mesmo quando são negados.

Nesse sentido, alguns verbos podem desencadear uma VALÊNCIA, significando que são combinados com outros verbos/palavras que possuem o mesmo campo semântico produzindo construções gramaticais. Em um outro exemplo, Ferrari (2022) traz o verbo *comprar* que necessariamente evoca um *comprador* e *mercadoria*, indicando um EVENTO COMERCIAL, bem como a bivalência do verbo, uma vez que necessita de dois participantes (*comprador* e *mercadoria*).

Medeiros (2012) observa Fillmore (1976) que a interação é uma base aliada ao usuário da língua, pois “[...] ele interpreta seu ambiente, formula suas próprias mensagens, compreende as mensagens dos outros, e acumula ou cria um modelo interno de seu mundo.”<sup>2</sup> Dessa forma, evidencia-se que os *frames* são esquemas mentais acionados pelas práticas do cotidiano, através das quais as informações são recebidas, decodificadas e respondidas de forma (in)consciente, comprovando, então, ser um ato inteiramente cognitivo de ação em sociedade.

---

<sup>2</sup> FILLMORE, C. J. *Frame semantics and the nature of language*. In: HARNARD, S. R.; STEKLIS, H. D.; LANCASTER, J. (eds.). *Origins and evolution of language and speech*. Nova York: New York Academy of Sciences, 1976.

Além disso, vale destacar que o conceito de *frames* perpassa por várias áreas de conhecimento como a Psicologia, Antropologia, Inteligência Artificial e Linguística, evidenciando que as estruturas mentais são protagonistas para entender a maneira como a linguagem é usada para interpretar e interagir no mundo. Segundo Medeiros (2019), o antropólogo Erving Goffman (1986)<sup>3</sup> chama a atenção para a definição de *frames* como um estruturador de experiências, alegando que a cultura tem papel fundamental na constituição desses esquemas mentais.

Também Medeiros (2019) destaca o cientista cognitivo Marvin Minsk (1974)<sup>4</sup> que conceitua *frames* a partir de uma situação estereotipada capaz de estruturar dados, além do professor linguista Duque (2015)<sup>5</sup> que salienta que os *frames* podem ser evocados por itens e/ou expressões individuais. Medeiros (2019) também aponta que Duque (2015) divide sua análise em *frames* conceptuais básicos, *frame* descritor de evento, *frames* culturais, *frame* roteiro, *frame* esquema- I, *frame* social, *frame* domínio específico e *frame* interacional, cada análise parte de uma perspectiva perceptual a qual as experiências de mundo são organizadas, pela mente, conseqüentemente, pela linguagem, a partir de padrões de práticas imperceptíveis em ações diárias. Cabe destacar, também, que o autor conceitua *frames* como “[...] circuitos neurais ativados e acionados pela linguagem, por meio dos quais organizamos pensamentos, ideias, e visões de mundo” (DUQUE, 2015 *apud* MEDEIROS, 2019), processo inteiramente cognitivo e imperceptível nas ações básicas do dia a dia.

Dessa forma, para o propósito deste trabalho de investigar os *frames* presentes nos discursos de violência contra a mulher nas redes sociais destacamos os *frames* conceptuais básicos, *frames* sociais, *frames* descritores de eventos, *frames* roteiro e, por último, *frames*-cultural. Em *frames* conceptuais básicos, Duque (2015) destaca que são associados, de forma direta, aos itens lexicais individuais que estão conectados “a cada conceito específico e só pode ser definido em relação ao *frame* completo” (DUQUE, p. 33, 2015). A palavra “mãe”, por exemplo, está associada a um papel do *frame* “família”.

De acordo com Duque (2015), há *frames* que orientam o comportamento e as expectativas sociais. Esses *frames* sociais, relacionados a cenários e categorização social, para

---

<sup>3</sup> GOFFMAN, Erving. *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Northeastern University Press: Boston, 1986.

<sup>4</sup> MINSKY, M. A Framework for Representing Knowledge. In: WISTON, P. (ed.). **Psychology of Computer Vision**. McGraw-Hill, 1974.

<sup>5</sup> DUQUE, P. H. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em frames. Anpoll. v. 1, n. 39, p. 25-48, 2015.

o autor, podem ser simples ou complexos, caso das instituições sociais (ESCOLA, GOVERNO, IGREJA). O frame social simples família, por ser primário, possibilita o mapeamento metafórico entre seus papéis e os papéis de outros frames complexos. Assim, podemos ter, por exemplo, no frame social complexo ESCOLA, a referência às professoras alfabetizadoras a nominação de “tias”, pelas crianças. Os frames sociais por sua relação explícita com comportamentos e expectativas sociais, podem levar à produção de estereótipos, de forma a evocar pessoas ou grupos a partir da generalização de comportamentos, aparência ou de qualquer outro traço que possibilite identificar socialmente os indivíduos ou grupos a que pertencem.

Para Duque (2015), há frames cujo papel diz respeito a descrições de eventos, estados ou mudanças de estado. Por descreverem eventos, estados ou mudanças de estados, esses frames descritores organizam-se como construtores de frames-roteiros, na medida em que se pressupõe um estágio inicial do evento ou estado a um outro estágio. Em razão disso, os procedimentos de análise desses frames devem prever etapas nas quais são o tipo de evento, o esquema de ação, os participantes da ação, os ajustes temporais e espaciais

Ao considerar os frames descritores de eventos, o autor faz referência ao frame complexo roteiro, cujo acionamento implica a ordenação dos eventos em uma determinada cronologia. Para Duque, esses frames-roteiro dizem respeito a estruturas de conhecimentos que tratam do modo como os eventos se desenvolvem no dia a dia. Percebe-se, assim, que os frames-roteiro permite o reconhecimento das sequências de ações que organizam nossa percepção dos eventos. Ao organizar as sequências de ações dos eventos experienciados possibilita a internalização de modelos dessas sequências como comportamentos, atores em uma determinada situação. Com esse funcionamento específico, o frame-roteiro atua sobre nossas expectativas e nossas ações nas diversas situações em que podemos nos envolver.

Por último, Duque observa que. cada cultura determina um tipo de frame-cultural. O autor observa que a maioria dos tipos de sociais estão sujeitos a um filtro cultural. Para o nosso trabalho, nessa pesquisa, por exemplo, pode-se observar que os frames específicos identificados nos discursos de violência contra a mulher passam por um filtro cultural que permite organizá-los. De forma que, quando falamos em discursos machistas ou em relações de dominação estamos presumindo uma determinada cultura que precisa legitimar práticas específicas de relações de poder entre homens e mulheres.

Portanto, acreditamos que o *frame* pode ser uma base teórica importante e útil como ferramenta de análise dos enunciados, que constituem o nosso *corpus*, a partir da compreensão de que a mente é estruturada, acessada e organizada pelo e no ambiente cultural que o indivíduo é inserido. Como observado acima, extraídos da internet, esses enunciados falam acerca da violência contra a mulher e corroboram com a compreensão do papel da cultura na construção do significado pela linguagem, mas também na maneira de atuar no mundo, pois participa das “[...] categorizações sociais, da criação, circulação e manutenção de estereótipos e das diversas visões de mundo encontráveis numa sociedade” (KOCH e CUNHA-LIMA, p. 293, 2011).

A vida social em uma determinada cultura constitui a memória de nossas experiências vividas e os conhecimentos adquiridos. As ações e cenas do cotidiano organizadas na mente dizem respeito ao entendimento e à maneira de como se devem comportar na sociedade em que se vive, mas também resultam das interações que se constroem a partir de “[...] noções e procedimentos a serem armazenados individualmente” (KOCH e CUNHA-LIMA, p. 278, 2011). É nessa perspectiva cultural, que o recorte deste trabalho é localizado dentro de um cenário brasileiro que reverbera o machismo, responsável por desencadear e acionar, cognitivamente, preconceitos existentes dentro desse ambiente cultural.

Na próxima seção, será abordada a influência das redes sociais na divulgação em massa de discursos que fomentam um ambiente cultural e ideológico violento para as mulheres. Falar desses discursos digitais é importante devido à velocidade de propagação e ao alcance dos enunciados. Sob essa razão, a possibilidade de *frames* serem acionados podem refletir um padrão de prática embasado nas experiências sócio, histórico e culturais que, uma vez armazenados na memória e divulgados na internet, alcançam um grande número de pessoas que podem ter seu modo de pensar e agir no mundo influenciados por esse saber que se propaga digitalmente.

### **1.3 O discurso digital e o cognitivismo**

Segundo Brioli e Miguel (2009), observa Meyrowitz (1985) que os meios de comunicação em massa “modificaram o exercício da autoridade e fragmentaram as representações mentais do mundo de que se servem as pessoas para nele se situarem.”<sup>6</sup> Nesse sentido, o autor enfatiza que as redes sociais forneceram ambientes virtuais para que os indivíduos compartilhem as diversas formas de conhecimento e informação em busca de

---

<sup>6</sup> MEYROWITZ, J. **No sense of place**: the impact of electronic media on social behavior. Oxford: Oxford University Press, 1985.



objetivos comuns. Nesse aspecto, a mídia representa um anteparo para o compartilhamento de discursos sobre diversidades sociais, produzindo “um reconhecimento de confirmação e/ou refutação de hierarquias presentes na sociedade” (BRIOLI; MIGUEL, p. 64, 2009).

As hierarquias presentes na sociedade são reafirmadas através de organizações impostas por determinada cultura a partir da qual analisam, sob o viés socioeconômico, a relevância que cada indivíduo pode contribuir para o corpo social. Nesse sentido, as mídias fomentam uma postura marcada pela naturalização dos espaços de poder (importância e menos importância), uma vez que promovem discursos violentos, nessa pesquisa sobre as mulheres, que são divulgados imediatamente. Dessa forma, Brioli e Miguel (2009) reforçam que

“A mídia compõe esses procedimentos na medida em que difunde visões da realidade social que tendem a confirmar e naturalizar as visões já incorporadas pelos agentes (homens e mulheres) em relação às hierarquias de gênero (BRIOLI; MIGUEL, p. 64, 2009).

A difusão de visões, comentada pelos autores, é o marco das mídias sociais, visto que o objetivo é o alcance de um grande contingente de indivíduos a fim de propagarem discursos violentos de forma rápida, corroborando com a naturalização das ideias sobre desigualdades de gênero. Sob esse viés, se as visões partem de uma esfera de poder histórico, cultural e ideológico, como o objeto de pesquisa deste trabalho sobre a violência contra a mulher, as redes sociais auxiliam na manutenção e divulgação desses posicionamentos. Dessa forma, a SF encoraja a construir a hipótese de que os pacotes de crenças, conhecimentos e padrões de prática que os indivíduos acessam para dar significado ao mundo onde vivem, segundo Fillmore e Baker (2009), alinham-se aos discursos digitais, uma vez que a linguagem é, também, significada pelo ambiente cultural, nesse caso, moderno e tecnológico.

Nesse sentido, nas redes sociais, é possível perceber uma memória que se constrói e que se cristaliza pelos padrões de práticas sociais manifestados pela linguagem através de enunciados produzidos, resgatando uma crença, cultura, história e ideologias a fim de angariar os mesmos objetivos com outros indivíduos, sejam para fortalecer uma hierarquia, sejam para enfraquecê-la.

A palavra cultura, portanto, é interpretada como um significado abrangente, pois é o resultado de um repertório das ações humanas, definida por Chauí (1995) como uma criação coletiva de símbolos. Em razão disso, a linguagem é um sistema simbólico que é produto da interação do indivíduo com o mundo, onde recebe a informação e, inconscientemente, decodifica-a por interpretações desencadeadas pelas experiências de um ambiente cultural estruturadas na mente, uma vez que é um processo cognitivo o acionamento de *frames*. Dessa

forma, o conhecimento adquirido pelos membros de uma sociedade se acumula e é transmitido para as gerações seguintes, podendo ser conduzido a uma manutenção de hierarquias sociais que estabelecem uma relação de poder em detrimento de outras através de, por exemplo, ideologias.

A ideologia, então, se materializa na linguagem, pois ela garante o funcionamento e o entendimento das práticas sociais, bem como as reproduções dessas práticas. Segundo Fiorin (2011), “A formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo” (FIORIN, 2011, p. 22).

Dessa forma, compreender a posição da mulher no cenário de violência física, simbólica, sexual, psíquica etc, é constituir as representações sociais de uma classe patriarcal dominante em toda a história de Brasil. Se a história faz parte do sujeito e o sujeito é movido por ideologias, então a ideologia de uma estrutura social, dominada por homens, é estigmatizada e movimentada no século XXI, o que leva, dessa forma, à concretização da SF de que o ambiente onde o indivíduo é inserido organiza em pacotes de conhecimento, Fillmore e Baker (2009), as estruturas mentais, acessando-as para externar um posicionamento social.

Portanto, os discursos proferidos em redes sociais movimentam práticas culturais e ideológicas, disseminando normas de condutas capazes de manter um poder ou excluí-lo. Pensar que a linguagem é uma construção simbólica pautada em reproduções da ação humana e passadas de geração em geração, contribuindo para que a mulher seja alvo fácil na constituição de hierarquia, corrobora com a concepção da relação homem e mulher em uma sociedade atravessada por estigmas históricos, sociais, culturais e ideológicos em que não há o respeito do espaço da mulher, reverberando nas redes sociais como fator determinante ao grande alcance das massas e, conseqüentemente, na edificação de uma memória coletiva.

## **2. METODOLOGIA**

Nesta pesquisa, serão abordados todos os aspectos metodológicos realizados, descrevendo-se os procedimentos necessários e úteis para identificar os *frames*, propostos por Fillmore (1982) e Fillmore e Baker (2009), recolhidos nos discursos produzidos em comentários nas redes sociais diante de publicações referentes às práticas de violência contra as mulheres, investigando os esquemas armazenados na memória que refletem uma questão cultural brasileira.

Esse estudo tem por finalidade realizar uma pesquisa de natureza básica. Para alcançar os objetivos propostos e melhor apreciação deste trabalho, foi utilizada uma abordagem

descritivo-interpretativo com análises bibliográficas. Inicialmente, foi feita leituras de textos teóricos e, posteriormente, realizados fichamentos e resumos para facilitar o embasamento teórico da análise. Além disso, foram recolhidos, para a constituição do *corpus* de pesquisa, quatro comentários na rede social, mais especificamente *Instagram*, de noticiários que vincularam reportagens sobre vítimas de violência doméstica e/ou postagens de cunho informativo a fim de averiguar, minuciosamente, o acionamento de *frames* presentes nos enunciados.

Para obtenção dos dados necessários, analisou-se a partir da teoria da SF de Fillmore (1982) e Fillmore e Baker (2009) o entrelaçamento dos enunciados retirados de comentários dessas redes sociais visualizando possíveis padrões de práticas culturais denotados pela linguagem que permeiam a sociedade brasileira, institucionalizados pela cultura, história e ideologia, uma vez que o ambiente cultural valida e padroniza comportamentos sociais.

### **3. INVESTIGANDO OS *FRAMES* EM COMENTÁRIOS NAS REDES SOCIAIS**

De acordo com as teorias apresentadas para a construção do arcabouço teórico-metodológico, a Semântica de *Frames* (SF), como proposta em Fillmore (1982) e Fillmore e Baker (2009), irá auxiliar na identificação de expressões lexicais e/ou gramaticais que promovam o acionamento de *frames*. Em consonância a isso, em algumas proposições, permitirão uma análise que parta da identificação de um mecanismo cognitivo estruturado na mente, realçando aspectos culturais, históricos e ideológicos que perpassam os ideários da sociedade brasileira.

Assim sendo, as reportagens e/ou postagens publicadas no *Instagram* serão anexadas para melhor compreensão do contexto de uso da linguagem e, em seguida, os comentários possíveis de investigação sobre *frames* e suas respectivas análises. A partir das teorias abordadas sobre a SF, o acionamento de *frames* é um ato cognitivo podendo ser evocado a partir de substantivos, verbos, adjetivos, preposições entre outras possibilidades. É preciso ressaltar também que cada comunidade de fala trará valores referentes a sua própria cultura apoiada pela linguagem em contextos reais de uso.

## Reportagem (1)



**showdavid** Na semana passada, o caso da jornalista Ana Luiza Dias, que apanhou por três dias do então namorado, presa dentro de um apartamento na Zona Sul do Rio, chocou o país.

A carioca, que teve hemorragia cerebral e teve que refazer todo o maxilar após conseguir fugir e procurar um hospital, denunciou o ex e conversou com @renatacapucciofficial sobre o que passou, um alerta para outras mulheres na mesma situação.

Assista à entrevista completa no site do #Fantástico: [g1.com.br/fantastico](http://g1.com.br/fantastico)

3 sem

Fonte: Página jornalística do Instagram “@showdavid”.

Nesse primeiro trecho, podemos observar que, após uma descrição da violência cometida contra a jornalista, a expressão “um alerta” chama a atenção. De um lado, parece separar-se do foco do texto que era expor a violência e, de outro, o item lexical “alerta” evoca o *frame* do descuido para com a segurança, na medida em que o *frame* aciona uma situação de risco que, por sua vez, aciona uma pessoa que está sob perigo e não percebe esse risco. Essa apreensão ocorre na medida em que se compreende “alerta” como uma vigilância atenta por parte de uma pessoa diante de uma situação em que se pode ser ferido.

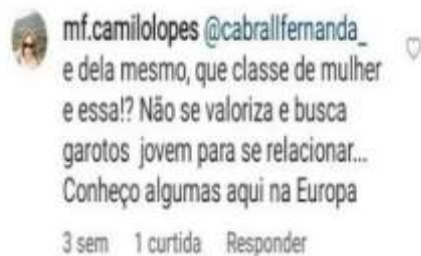
Como observa Duque (2015), há *frames* conceituais básicos que são aqueles diretamente ligados a itens lexicais, *frames* descritores de eventos relacionados aos eventos, participantes, tempo e espaço e *frames*-culturais. Há uma descrição de um evento que se inicia pelo ajuste temporal “Na semana passada”, segue-se a descrição do evento a partir da sequência “apanhou por três dias”. Há uma sequência de eventos que se ordena em um roteiro que pode ser descritos pelos itens lexicais “apanhou”, “hemorragia cerebral”, “conseguir fugir”, “procurar um hospital”, “denunciar o ex”, “refazer o maxilar”. O *frame* “alerta” se efetiva após essa sequência de ações serem descritas e roteirizadas. Se há o evento do Sob essa perspectiva, o item lexical “alerta” ao evocar o *frame* associa-se a um estado do *frame* de “alertar”, no qual podemos encontrar um agente-alertador e um paciente-alertado, mas também um causador. Temos na reportagem (1), portanto, um agente-alertador, a história contada pela jornalista, qualificada com “um alerta”, um paciente, “outras mulheres na mesma situação” e um causador do alerta, no caso a situação descrita pela jornalista.

Pode-se observar, por outro lado, o sistema de crença que está por trás do uso desse item lexical e, conseqüentemente, do *frame* evocado. Esse sistema de crença coloca culpa da violência na falta de atenção da pessoa que sofre a violência e, portanto, a mulher que sofre a

violência é culpada pela violência sofrida. Afinal, o *frame* evocado pelo item “um alerta” aciona uma relação entre uma pessoa, uma situação de perigo e a necessidade de se ficar atento. Desse modo, a narrativa apresentada no *post* serve como “um alerta para outras mulheres na mesma situação”, então compreende-se que a pessoa que sofre a violência não foi capaz de se cuidar e, portanto, a culpa da violência sofrida se deve à falta de cuidado da mulher que deveria estar atenta e não estava. Retira-se a culpa do agressor e coloca na mulher agredida.

Podemos observar que o primeiro comentário se volta justamente para esse *frame* e para esse sistema de valores em que a culpa da violência é da pessoa agredida e, no caso, da jornalista que sofreu a violência.

Comentário 1.



Nesse trecho acima, observam-se alguns itens lexicais que evocam *frames* que possibilitam pensar a questão que levantamos. Os itens “classe de mulher” seguido dos verbos “valorizar” e “buscar” acionam diferentes *frames* que, por sua vez, possibilitam a organização de um modo de pensar as relações entre as pessoas e a violência contra as mulheres e, novamente não só retira a culpa do agressor, como também justifica o seu comportamento. Observemos, então, o comentário (1): a primeira proposição, a expressão lexical “classe de mulher”, em “classe” evoca, inicialmente, um *frame* de categorização, de acordo com a qual se organizam os elementos no mundo. Em uma unidade lexical como “classe de mulher”, o termo “de mulher”, particulariza a evocação do *frame*, de modo que se pode compreender uma categorização de mulheres em que se organiza grupos distintos de mulheres que compartilham determinados comportamentos. Desse modo, no enunciado “que classe de mulher é essa!?”, pode-se perceber que o *frame* acionado da categorização, associado ao *frame* “alerta”, restringe as agressões a um grupo específico: “uma classe de mulher”. Com isso novamente, podemos perceber o movimento ideológico do discurso em atribuir a culpa a um grupo de mulheres e não ao agressor, na medida em que não são todas as mulheres agredidas, mas um determinado grupo.

Os itens lexicais “valorizar” e “buscar” acentuam essa categorização. Como observamos, a palavra “classe” é seguida por um adjunto adnominal “de mulher” e, ao fazer isso, acrescenta-se um caráter pejorativo, indicando que as mulheres que não respeitam os padrões de convivência sociais, que se portam de maneira inadequada aos olhos do grupo social ao qual pertencem e, portanto, que não dão exemplo e não se dão respeito, tornam-se parte de uma “classe de mulher”, ou seja, desconsideradas pelo seu comportamento a partir do grupo social a que pertence.

Ainda nesse comentário (1), a palavra “valorizar” aciona um *frame*, conceitual básico e cultural, em que encontramos a ideia de valor. O *frame* acionado compõe-se de um agente-valorizador, a mulher, e um paciente a ser valorizado, nesse caso, dado o pronome reflexivo “se”, a própria mulher deveria ser agente e paciente da valorização. Nesses termos, “valorizar-se”, quando associado ao *frame* evocado por “classe de mulher”, faz vir a nossa memória a expressão “dar-se ao respeito”. Assim, na compreensão dessa unidade lexical, bem como o *frame* acionado, devemos considerar o lugar que ocupa as mulheres na sociedade. Como se sabe, a história tem apresentado uma identificação de que as mulheres burguesas eram consideradas mulheres de princípios; ou seja, cultivavam os bons modos, pois o casamento era a forma de assegurar uma boa reputação diante de uma sociedade, na qual prevalecia certos valores morais para as mulheres como, por exemplo, ser uma boa esposa, não transitar nas ruas desacompanhadas, cumprir as obrigações com a casa.



Segundo a historiadora Mary Del Priore (2020), esses comportamentos do século XIX, refletidos no século XXI, impulsionava um sistema que se autoalimentava, de forma que as mães instruíam as filhas a serem comportadas e seguirem os padrões morais, ou seja, se valorizarem. Nesse sentido, percebe-se que a tradição dos bons modos se cristalizou como uma conduta social, transformando-se num aspecto cultural arraigado no imaginário da sociedade brasileira. Esse comportamento, como observa Fiorin (2011), segue apoiado por uma ideologia, sustentado pelo funcionamento da linguagem e representado por ideias que um determinado grupo social tem acerca da sociedade e, principalmente, sobre como as pessoas devem se comportar. Nesse contexto, as mulheres deveriam não só respeitar os homens, como também devem se dar ao respeito.

Como observamos acima, a teoria da Semântica de *Frames*, como proposta por Fillmore (1976), possibilita-nos compreender que essa interação homem-mulher constituída historicamente compõe um pacote de conhecimento acionado através de *frames* em um ambiente de dominação e sobreposição do homem em relação à mulher. Desse modo, a

expressão “classe de mulher”, seguida do verbo “valorizar-se” acionam *frames* que trazem esses saberes e, por fim, atribuem a violência ao comportamento inadequado da mulher agredida. Da mesma forma, quando consideramos o item lexical “busca”, na frase “e busca garotos jovens para se relacionar”, podemos perceber que esse *frame* conceitual básico faz parte do *frame* acionado pelo verbo “buscar”. Assim, existe uma classe de mulheres que não se valorizam, e existe um objeto buscado, os jovens garotos e um motivo para a busca se acrescenta a esse *frame*, “para se relacionar”. Um *frame* acionado provoca outro *frame* e faz parte de um *frame* completo que organiza o discurso que estamos analisando. Desse modo, o *frame* “classe de mulher”, que se associa ao *frame* acionado por “valorizar-se”, que traz à memória o “dar-se ao respeito, e se completa na associação com um *frame* em que há um propósito em “busca garotos jovens para se relacionar na medida em que aciona o pacote de conhecimento ideológico de que se trata de mulheres mais velhas que buscam pessoas mais jovens e, portanto, não se valorizam e não se dão respeito. O item composto “garotos jovens” aciona o *frame* da mulher mais velha que, com a finalidade “para se relacionar”, busca prazer. Assim, o discurso determina a culpa da mulher agredida por se colocar sob risco ao se envolver com garotos mais jovens. Nesse comentário (1), há ainda uma última palavra “algumas”, um pronome indefinido que associado ao nome composto “classe de mulher” generaliza o comportamento de determinadas mulheres e aciona um *frame* do sentimento de desprezo.

#### Reportagem (2)



**folhadespaulo**  **CASO GIVALDO** | Desde março, a vida de Sandra Mara Fernandes, 34, tornou-se pública. Sandra, 34, virou notícia por ter tido relação sexual com um morador em situação de rua – Givaldo Alves de Souza, 31 – dentro de um carro, na cidade de Planaltina (Distrito Federal). Com isso, passou a sofrer ataques nas redes sociais e em aplicativos de conversa. Recebe com frequência mensagens com xingamentos e insultos de cunho sexual, entre outras ofensas que classifica como humilhantes. Já bloqueou mais de 80 contatos no seu celular pessoal. Leia em [folha.com/cotidiano](http://folha.com/cotidiano) |  Assine a Folha, um jornal a serviço da democracia: [folha.com/assine](http://folha.com/assine) #folha #fsp #folhadespaulo

Fonte: Página jornalística do *Instagram* “@folhadesaopaulo”.

Nessa publicação referente ao caso da relação sexual entre o morador de rua e a mulher citada na reportagem, chama a atenção o enunciado “sofrer ataques”. Dessa maneira, o *frame* conceptual básico acionado pelo verbo “atacar” que, como se sabe, aciona um *frame* de luta, de combate. Nesse caso, apresenta-se um cenário de agressão, podendo ser destacado, também,

um *frame*-cultural. O *frame* apresenta a mulher como um inimigo devido a seu comportamento sexual: “por ter tido relação sexual com um morador em situação de rua”. Tornada inimigo, direciona-se ao sujeito paciente um sentimento de menosprezo, evidenciado pelos “xingamentos” e “insultos de cunho sexual”.

Sob essa perspectiva, os valores históricos, culturais e ideológicos são evidenciados, tendo em vista que a mulher “sofre ataques” por realizar um ato que só diz respeito a sua intimidade que, no entanto, desrespeita o comportamento que é atribuído às mulheres: o comportamento sexual fora dos padrões permitidos pela sociedade. Desse modo, o enunciado “...virou notícia por ter tido relação sexual com um morador em situação de rua (...) dentro de um carro...” aciona esse *frame* da violação do comportamento social esperado e atribuído à mulher. A participação masculina, marcada pela expressão qualificadora “um morador em situação de rua” ressalta o comportamento que viola os padrões sociais, na medida em que coube apenas à mulher a responsabilidade do comportamento e, conseqüentemente, motivam-se os xingamentos e insultos por parte da sociedade. Dessa maneira, aciona um *frame* em que se aponta um culpado (mulher) e um crime, no caso, ter relações sexuais com um morador de rua. O homem, “morador em situação de rua” e o local “dentro de um carro” apenas descrevem o crime, perfazendo um movimento ideológico marcado pela transferência de culpa para a mulher insultada e não para o homem. Ainda mais quando se reflete que poderia ser considerado um atentado ao pudor e, nesse caso, a responsabilidade caberia tanto ao homem quanto à mulher.

Nesse sentido, o substantivo “insultos” também aciona *frame* como parte do verbo “insultar”: alguém insulta alguém objetivando magiar, humilhar, ofender àquele a quem o insulto se dirige. Desse modo, ao se qualificar os insultos como de “cunho sexual”, aciona-se *frames* específicos de nomeação que nos permitem compreender o caráter ofensivo, grosseiro ou indecente. Pretende-se, assim, insultar alguém, no caso a mulher, negando a ela dignidade ou lesando a sua honra e, portanto, como “insultos de cunho sexual”, em que aciona o *frame* violência moral. Assim, a expressão “virou notícia” aciona o *frame* da divulgação, ao trazer nosso conhecimento sob o que é uma notícia; nesse caso, a exposição da intimidade da mulher, mas também os “insultos de cunho sexual” que, como observamos, acionam o *frame* da violência moral; ou seja, sua humilhação, mas também a invasão de sua privacidade. Como observamos, a descrição do homem como “em situação de rua” e do local “dentro de um carro”, promovendo o apagamento do homem por evidenciar a mulher, marca a sua culpa, acionando o sistema de crença, que organiza o lugar social, para justificar os insultos que cabem a uma mulher que “não se deu ao respeito”.



Podemos observar que os comentários abaixo ilustram esse sistema de crença da sociedade brasileira, como também os julgamentos que são feitos para as mulheres, possibilitando os insultos à mulher que rompe com o comportamento social apresentado como adequado. Nota-se a exclusão/apagamento do gênero masculino na discussão parece demonstrar o que temos colocado acima: o homem e o local têm como função geral o *frame* da mulher que “não se dá respeito”, que “não se valoriza”.

Comentário 2.



mjanalopes13 Eu acho que ela deveria se resguardar. Tudo que aconteceu, do jeito que aconteceu, quanto mais ela falar, mais traumas irá trazer. Minha opinião né

27 sem Responder Enviar

Em “Eu acho que ela deveria se resguardar” é possível destacar itens lexicais que evocam *frames* que se relacionam com o exposto acima. Os itens “deveria se resguardar” acionam *frames* que trazem uma perspectiva de compreensão sobre como é feita a organização cognitiva sobre discursos que desmerecem a mulher. O verbo modal “deveria” seguido de “se resguardar” aciona uma situação de *frame* em que se expressa a necessidade de “se resguardar” que, novamente, aciona o *frame* da valorização e do respeito que, por sua vez, implica em não virar notícia e não ter, portanto, sua intimidade exposta. Dessa forma, a mulher deve se recolher e se ausentar de uma situação de ataques, indicado pelo pronome reflexivo “se” e, em um segundo ponto, “deveria se resguardar” também pode acionar conhecimento acerca da “mulher recatada”, voltada para o espaço doméstico que, há pouco tempo ficou marcada pela expressão recatada e do lar.

Desse modo, tal cenário alia-se ao analisado na reportagem (2), em que a mulher é culpada pelos ataques que sofre e, para evitar tais insultos, deve se calar. Não é necessário continuar com a narrativa, pois “quanto mais ela falar, mais traumas irá trazer”, uma crítica feita pelo enunciador o qual aciona uma organização de *frames* de que “não falar” minimiza os “traumas” que, nesse caso, parece referir-se aos “insultos de cunho sexual” dos agentes-atacantes. Dessa forma, esse enunciado “quanto mais ela falar, mais traumas irá trazer” parece fazer parte do *frame* acionado pela expressão de que “não se deve mexer nas feridas” e que se deve deixar as feridas cicatrizar, o que aciona o conhecimento de que a fala não permite esquecer. Assim, o termo “trauma” como um *frame* traz o conhecimento de feridas que ficam e das emoções negativas, provocadas por aquilo que aconteceu.

Nas discussões que estamos fazendo, aciona-se um *frame* de ação negativa, pois “falar”, de um lado, requer ação positiva de expressar, mas também implica denunciar que “sofre ataques”, que sua privacidade foi invadida de tal forma que ela já “bloqueou mais de 80 contatos”. Por outro, o momento em que a mulher se posiciona e descreve as violências sofridas, aparecem, como diz a comentarista em (2) os “traumas”. Em consonância a isso, “falar” também adiciona um silenciamento do paciente-atacado, afinal se a culpa é transferida para a mulher que deve se ausentar para não sofrer ataques, mais especificamente, traumas, pois “saiu do hospital e começou a dar entrevistas”, se não tivesse “falado”, não haveria insultos e xingamentos.

Os “traumas”, sob essa ótica, significam a direção para onde partem as agressões, nesse caso para a mulher, associando-se ao *frame* “sofre ataque”. Considerando, então, que os “traumas” são os ataques, o julgamento é feito a partir de uma causa, “Tudo que aconteceu, do jeito que aconteceu”, acompanhado de um pronome indefinido “Tudo” realçando uma situação talvez desconhecida associada ao “jeito”, situação de ação não convencional para a sociedade: uma relação sexual fora dos padrões, um comportamento inadequado da mulher. Como observado acima, o homem e o local mostram a inadequação do comportamento da mulher, por isso o homem “em situação de rua” não aparece como alvo da narrativa descrita, mas agrava o comportamento, acentua a culpa da mulher que pratica a relação sexual. Os itens lexicais acionam, de tal forma, os *frames* que se entrelaçam no texto, acionando o sistema de crenças e de valores que regulam o comportamento feminino na sociedade.

Portanto, o enunciador traz, em sua crença cultural e ideológica, informações interpretadas na sua percepção de mundo que aciona o *frame* de que a mulher, referindo-se ao acontecido na publicação (2), por sofrer ataques deveria silenciar-se diante da situação descrita. Pode-se fazer analogia com outras situações de violência contra a mulher, como nos casos de estupro, em que as mulheres recusam falar, denunciar a violência e esse silêncio se deve ao sentimento de vergonha e de culpa. O pacote de conhecimento que organiza esse comportamento parece ser o mesmo que a comentarista recomenda, na medida em que “quanto mais ela falar, mais traumas vai trazer”.

Pode-se observar também que esse apagamento do homem na descrição da relação sexual que virou notícia pode resultar em um conjunto de saberes que não atribui à autoria feminina a determinadas ações e práticas cotidianas comumente descritas envolvendo a figura masculina que, no entanto, não vira notícia. Tendo em vista isso, Priore (2020) ressalta, em suas abordagens históricas, que a moral social possibilita liberdades ao sexo masculino, mas não ao

feminino, expondo, assim, uma hierarquia de poder: em primeiro plano o homem e a mulher, em segundo. Dessa maneira, essa postura estigmatizada do comportamento feminino, descrita pela história, pressupõe a inserção nos processos cognitivos que determinados comportamentos não são adequados para as mulheres e, em um ambiente cultural machista, as mulheres acessam esses registros de informações que veiculam ideias sobre o posicionamento social das mulheres.

Comentário 3.

**liahallwass** Ninguém nem conhecia a cara dela. Daí saiu do hospital e começou a dar entrevistas. Vários posts com foto e nome completo. Ela devia saber que as pessoas são cruéis. E sabendo disso, deveria usar esse tempo pra se recuperar e cuidar de sua família, que também foi exposta pelas ações dela. 😊

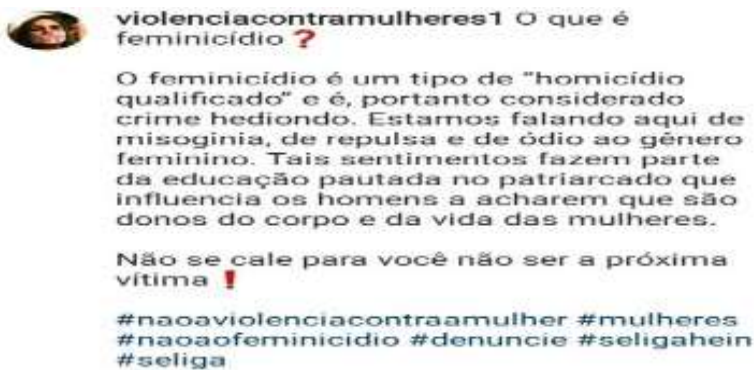
Na proposição (3), podemos focar na unidade lexical “cuidar de sua família”, na qual se destaca o verbo “cuidar” seguido de “família” aciona *frames* que possibilitam compreender modo como o enunciador organiza seu mundo e o papel que atribui às mulheres: cuidar de suas famílias. Em “cuidar”, aciona um *frame* que tem como agente alguém que cuida e como paciente aquele que precisa de cuidados. Desse modo, essa expressão aciona dois conceitos básicos aquele de “zelo”, mas também o de “tarefa/dever”, em que se atribui a responsabilidade pelo cuidado para com a família para mulher. Nesse caso, referido pelos pronomes possessivos “sua” e “dela”, direcionando-a ao recolhimento da situação para evitar “traumas”. No *frame* acionado “família”, associa-se a um grupo de pessoas que vivem juntas como, no ideário tradicional brasileiro, pai, mãe e filhos (as). Entrelaçando os *frames* “sofre ataques”, “falar” e “traumas” como situações negativas causadas pela mulher, a própria família também é insultada porque a mulher “não se deu o respeito” em uma ação que gerou desconforto para a sociedade, pois “Ela devia saber que as pessoas são cruéis” e por isso insultam e humilham. Mais uma vez, é a tarefa da mulher em dever saber que as pessoas são ruins, pois os *frames* se transpõem para a tarefa da mulher, evidenciando seus deveres e acentuando a sua culpa.

Pode-se observar que no enunciado “Ninguém nem conhecia a cara dela” tem-se o *frame* que aciona o lugar da mulher atacada no espaço social, no espaço doméstico da sua casa, portanto, ao se expor sua posição, ela se torna notícia e sai do espaço da casa para o espaço do mundo. Isso traz como consequência a violação da mulher por ir além dos seus limites que seria aqueles do cuidado da casa, da família. Dessa forma, considerando que o verbo “cuidar” necessita de um agente-cuidador, a mulher, e um paciente-cuidado, a família, é possível perceber a organização completa dos *frames* evidenciados nos valores que são atribuídos à mulher em relação ao homem, em que a vítima em questão é colocada em um lugar de

cumprimento com seu dever de mulher em “resguardar-se” e zelar pela instituição família. Como se sabe, a cultura embasada no empoderamento masculino, fundamentada pela história, traz a figura feminina com a tarefa do cuidado de filhos e marido, de modo que essa reputação social não poderia ser quebrada. A regra é clara quando devem ser boas mães, recatadas e do lar, destacando-se a representação de mundo da sociedade brasileira.

Hoje, embora a mulher tenha conseguido seu espaço na vida social e no mercado de trabalho, a perpetuação dessas normas e morais sociais ainda permanecem e se embasam através de costumes alimentados por um viés ideológico, sustentando uma superioridade do homem em relação à mulher no século XXI. Dessa forma, é possível discutir o *frame* “família”, definida, a partir de uma cultura patriarcalista envolta na memória da sociedade brasileira, pela composição do “pai”, “mãe” e “filhos”. Essa base conceitual traz a figura do “pai” como o “provedor”, a “mãe” como a que “acolhe” e “acalenta” e os “filhos” que são “protegidos” e “ensinados”. Os verbos “prover” e “acolher” também trazem uma significação de responsabilidade (pai) e dever (mãe). Esse ideário ainda se mantém ainda que não se justifique no século XXI e organiza o modo de pensar a família e o papel da mulher na sociedade brasileira.

### Postagem (3)



Fonte: Perfil de apoio às vítimas de violência contra a mulher “@violenciacontraMulheres”.

Na postagem acima, podemos observar que, após a explicação do conceito de “feminicídio”, a expressão “Estamos falando aqui de misoginia, de repulsa e de ódio ao gênero feminino” chama a atenção. De um lado, parece distanciar-se do foco do texto que era explicar o crime que se tornou comum no cotidiano de mulheres brasileiras e, de outro, evoca o *frame* “Estamos” e “aqui”, refletindo o “nós” acionado no contexto de que outras mulheres estão presentes para assegurar a compreensão do porquê se mata mulheres no Brasil e a importância de essa informação ter um grande alcance. Para comprovar que a violência ocorre, recorre-se aos conceitos de “misoginia”, aversão ao gênero feminino, que aciona uma situação de

intolerância por parte do gênero masculino com as mulheres por simplesmente serem mulheres, podendo colocá-las em risco.

O item lexical “ódio” ao evocar o *frame* associa-se a um sentimento de aversão, motivada pela raiva, no qual compreende-se que a mulher tem culpa por ocasionar o crime de feminicídio por estimular ações que desencadeiem a agressão e a violência. Por isso, a “misoginia” é tão frequente no contexto social brasileiro, sendo capaz de mover ação violenta contra a mulher, ou seja, cometer feminicídio.

Nesse viés, o sistema cultural por trás desse item lexical coloca a mulher numa situação de perigo e repulsa, tornando-a vulnerável, alvo fácil para ser agredida. Afinal, o *frame* evocado pelo item lexical “ódio” estabelece uma relação entre quem odeia e quem é odiado, sentimentos que desencadeiam aversão instaurada pelo sexo masculino em detrimento ao feminino.

Ressalta-se, portanto, que o comentário abaixo revela esse sentimento de ódio e objetificação da mulher.

Comentário 4.

**alexotavioii** Há lei Maria da Penha se transformou em há lei da Morte pois trouxe a possibilidade da mulher provocar até.

41 sem Responder Enviar

**alexotavioii** Afff, o problema é a provocação ninguém é de ferro a vítima verdadeira não instiga.

No comentário “4”, encontra-se “possibilidade da mulher provocar até” e “ninguém é de ferro, a vítima verdadeira não instiga”. O item lexical “provocar” possibilita refletir a questão analisada acima. O item “provocar” aciona *frame* “desafiar”, “insinuar” o qual viabiliza a organização de um modo de interpretar o mundo, colocando a culpa na mulher odiada por desafiar a integridade do homem, pois “ninguém é de ferro”.

Na unidade lexical “provocar”, particulariza uma situação que aciona *frame* por compreender que algumas mulheres assumem determinados comportamentos que conduzem a uma provocação como usar roupa curta, por exemplo. Desse modo, nas frases “possibilidade de a mulher provocar até”, “[...] vítima verdadeira não instiga” e “ninguém é de ferro”, pode-se perceber que o funcionamento do *frame* “ódio” motiva as agressões ao gênero feminino porque “provocam até”. Com isso, destaca-se o movimento cultural e ideológico do discurso em atribuir à mulher a causa de ser violentada e não ao homem que violenta.

Além disso, o verbo “provocar” indica que os homens são desafiados pelas mulheres por poderem agir com liberdade, pois o locutor menciona que a Lei Maria da Penha, sancionada somente em agosto de 2006, protege o gênero feminino dando margem para as mulheres provocarem e, conseqüentemente, sofrerem feminicídio, creditando ao homem em agredir uma mulher. É oportuno ressaltar que a lei é o movimento das instituições jurídicas, essas discutidas, em sua grande parte, por homens.

“Provocar”, então, revela uma postura dos homens que enxergam as mulheres como objetos capazes de serem manipuladas. Como se sabe, de acordo com Priore (2020), a expressão de toda feminilidade era mal vista, as mãos, os braços e os pés à mostra, alimentavam uma atração sexual por parte dos homens, “provocavam”. A transgressão da mulher ideal era julgada, “[...] a quem perguntassem: “Provocou ou pediu para apanhar?” (PRIORE, 2020, p. 139), revelando como a culpa recaía e recai sobre as mulheres das violências acometidas e como são julgadas por instituições com vieses masculinos. Ademais, ressaltam-se os enunciados “ninguém é de ferro” e “vítima verdadeira não instiga”. Os *frames* acionados pelo pronome indefinido “ninguém” e pelo substantivo “ferro” abrangem uma situação de pouca firmeza, por parte de indivíduos, em se segurarem para não cometerem atos de violência, denotando uma característica frágil quando se trata do gênero feminino. No entanto, os itens lexicais “vítima” e “verdadeira” desencadeiam uma representação de mundo onde existe a pessoa que sofre realmente algum dano ou ação violenta, e aquela que mostra intenção de sofrer a violência, uma vítima “falsa”, associada, nesse caso, à mulher que “provoca”.

Nesse sentido, é interessante frisar que cada enunciado apoia e é apoiado por outro enunciado, criando uma rede de pensamentos que comungam da mesma ideia e da mesma cultura machista. Os modelos cognitivos de *frames* são organizadores das experiências humanas, dessa forma, são peças-chave para compreender como a história revela e identifica uma comunidade de fala específica, bem como o ambiente cultural é fomentado pelas ideologias patriarcais a tal ponto de se tornarem enraizadas no próprio gênero feminino, pois as mulheres também repassam e compartilham tal crença, em que alguns comentários desrespeitosos são feitos pelas próprias mulheres. Um pacote de conhecimento, nesse sentido, é enviesado pelo domínio do gênero masculino, de forma que cria uma discriminação na relação homem e mulher, promovidas pelas instituições família, jurídico, igreja, escolas, internet etc. Em razão disso, Ambrósio e Carmo (2022) afirmam “[...] tais instituições, no contexto sociocultural brasileiro ainda regido pela tradicional dominação masculina, podem ser vistas como fortes doutradoras e discriminadoras [...]” (AMBRÓSIO e CARMO, p. 10, 2022).

Portanto, a violência contra a mulher, no século XXI, é uma prática padrão imposta por uma cultura de poder do homem sobre a mulher, pois se tal prática preservada por uma sociedade e, culturalmente normal aos olhos de um povo que conviveu e convive numa formação pautada nesta forma de domínio, é inegável que haverá um compartilhamento de experiências, seja em atos que indiquem a agressão e/ou em discursos que denotam superioridade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa desenvolvida observou que a SF, postulações de Fillmore (1982) e Fillmore e Baker (2009), são esquemas mentais que possibilitam os seres humanos interpretar a realidade em que vivem, regida por “pacotes de conhecimentos” (FILLMORE e BAKER, 2009, p. 314) como crença, cultura e padrões de práticas, organizados na mente, pois as informações são acessadas, decodificadas e armazenadas, a fim de criarem um repertório de mundo.

É inegável que o acionamento de *frames* é um processo cognitivo, ou seja, esquemas mentais (Lakoff, 2008), pois advém das interpretações perceptuais da construção dos significados decodificados inconscientemente pelos indivíduos através da linguagem, pois a LC parte da premissa de que ela está integrada a outras habilidades cognitivas como as percepções de mundo. Dessa forma, a linguagem somente faz sentido em seu contexto real de uso, apoiada pela cultura na manutenção de estereótipos, de acordo com Koch e Cunha-Lima (2011).

Em razão disso, a SF contribuiu, de forma expressiva, para investigar como os comentários de redes sociais marcados por violência contra as mulheres são entendidos pela lógica da estruturação da mente, em que acessamos, decodificamos e organizamos informações provenientes de ambientes culturais, bem como a linguagem significa e representa o mundo.

Os objetivos do estudo foram alcançados, visto que foi possível mapear comentários agressivos construídos e validados satisfatoriamente sob a ótica da teoria. Com isso, favoreceu a constatação de que a história, cultura e ideologias são indissociáveis e mantenedoras de padrões de prática em uma sociedade marcada por discursos que ferem a moral e integridade femininas, pois se embasam em experiências humanas ancoradas pelas categorizações sociais estruturadas na memória.

Nesse sentido, a investigação sobre as proposições agressivas se deu pela busca de *corpus* em redes sociais, *Instagram*, mais especificamente em perfis jornalísticos e/ou em postagens que veiculavam noticiários referentes às violências sofridas por mulheres, seja física ou moral. Dessa forma, constatou-se que os comentários recolhidos eram apoiados por uma

identidade histórica e cultural machista, visto que representavam informações como “classe de mulher”, “não se valoriza” e “provocar até” as quais acionavam *frames* que revelavam uma base conceptual envolta a um repertório patriarcal, significada pela linguagem e cristalizada por instituições (movidas em grande parte por homens) que moldam a forma de enxergar o mundo. A relação entre homem e mulher resultam em uma hierarquia de poder, pois solidifica discursos discriminatórios e doutrinadores ainda no século XXI, refletido nas próprias mulheres que reverberam padrões de práticas patriarcais.

Assim, nós buscamos com esse estudo examinar o papel da linguagem na manutenção de estereótipos machistas no século XXI, bem como as reproduções desses discursos são feitos de forma inconsciente pela sociedade e, para isso assumimos a abordagem teórica da SF procurando mostrar como a ideia de *frames* pode nos ajudar a compreender esse funcionamento da linguagem na sociedade. Verifica-se que as mudanças desses paradigmas só podem ocorrer através da compreensão de como certos conceitos permanecem e se reproduzem na sociedade. A partir desse entendimento pode-se promover discussões acerca dos processos de construção e manutenção de conceitos que afirmam os padrões de práticas sociais e culturais que envolvam discursos de violência, no caso desse trabalho, contra a mulher, mas os discursos de ódio na sociedade brasileira.

Considerando-se que nenhum conhecimento é finito, o trabalho procurou contribuir para a compreensão do porquê ainda reverbera discursos violentos sobre as mulheres e tem como consciência de que ele não esgota as discussões, mas é compreensível a análise dos comentários que a partir da teoria dos *frames* pode ajudar a entender o papel da cultura nos modos de compreensão e ação dos sujeitos no mundo, uma vez que o processo cognitivo, aliado à linguagem, é uma extensão dos conhecimentos adquiridos por uma sociedade ao longo dos anos. Além disso, é importante levar em conta como as redes sociais são uma grande propulsora de discursos distintos e podem contribuir para promover conhecimentos acerca de problemáticas que impedem o crescimento do corpo civil brasileiro.

## **REFERÊNCIAS**

AMBRÓSIO, J. V. M. C.; CARMO, C. M. Discurso de ódio e sua relação com o feminicídio: aspectos linguísticos, discursivos, ideológicos e comportamentais. SILVEIRA, É. L.; SANTANA, W. K. **Educação, múltiplas linguagens e estudos contemporâneos**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2022.



- AVELAR, Maíra. **Mente Corporificada: Mapeamento do Conceito, Interfaces e Possibilidades de Aplicação**. Pontos de interrogação, UNEB, v.5, n.1, p. 29-54, jan./jul, 2015.
- BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Mídia e representação política feminina: hipóteses de pesquisa**. Opinião Pública [online], v. 15, n. 1, 2009.
- CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. São Paulo: Estudos Avançados 9 (23), 1995, p.71-84.
- DUQUE, P. H. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em frames. Anpoll. v. 1, n. 39, p. 25-48, 2015.
- FELTS, Heloísa Pedroso de Moraes. **Princípios de composicionalidade e continuidade, indeterminância do significado: tópicos em Semântica Cognitiva**. In: ALMEIDA, Ariadne Domingues Almeida. SANTOS, Elisângela Santana dos. Linguística Cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além-mar. Salvador: EDUFBA, 2018.
- FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. 1.ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.
- FILLMORE, Charles J. Frame Semantics. In: **Linguistic Society of Korea** (ed.). Linguistics in the morning calm. Seoul: Hanshin Publishing, 1982. p. 111-137
- FILLMORE, Charles J; BAKER, Collin. **A Frames Approach to Semantic Analysis**. In: FILLMORE, Charles J; BAKER, Collin. The Oxford Handbook of Linguistic Analysis. Oxford Academic, 2009.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. José Luiz Fiorin. - 1.ed. (rev. e atualizada). - São Paulo: **Ática**, 2011- (Princípios; 137).
- IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier (Dir.). **Linguística Cognitiva**. Barcelona. Anthropos Editorial, 2012. p. 444.
- KOCH, Ingedore Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. **Do cognitivismo ao sociocognitivismo**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. Introdução à Linguística. Fundamentos Epistemológicos. 5ª ed. São Paulo, Cortez, 2011.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. Chicago, The University of Chicago Press. 1980.
- LAKOFF, George.; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought**. New York: Basic Books, 1999.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; PALOMANES, Roza. **Linguística Cognitiva**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo *et.al.* Manual de Linguística. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 177- 192.

MEDEIROS, Ilana Souto de. *Frames*: da teoria à prática. **Estudos da Língua(gem)**, v. 17, n. 3, p. 85-97, 2019. DOI: 10.22481/el.v17i3.5931. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/5931>. Acesso em: 27 out. 2022.

PRIORE, Mary Del. **Sobreviventes e Guerreiras**: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000. Ed. 1ª. São Paulo. Planeta, 2020.

SANTOS, Elisângela Santana dos. **O estudo do significado sob a perspectiva da linguística/semântica cognitiva**. Pontos de Interrogação, Alagoinhas- BA, v. 5, n. 1, jan./jul, 2015.